

## UM CERTO DEVOTO

Um homem que se entregara à devoção  
Havia muito tempo andava em ansiosa espera,  
Queria ver Jesus.  
Por isso, quase sempre, em profunda oração,  
Vivia em súplica sincera...  
Até que, certa noite,  
Viu, reverente, o Mestre  
Que o abraçava e prometia,  
Com palavras de aviso terno e exato,  
Visitá-lo no dia imediato.

O devoto acordou... Amanhecia...

Antes que o Sol surgisse, inteiramente,  
Apresentando a Terra em novas cores,  
O amigo de Jesus, agindo como em festa,  
Varre a casa modesta,  
Depois, ei-lo a enfeitá-la,  
Desde a pequena sala  
Ao fogão da cozinha limpa e estreita,  
Com dezenas de flores,  
Estampando na face a alegria perfeita.

Logo pela manhã,  
 Bateu-lhe à porta um pobre em roupa esfarrapada,  
 Mostrando pés e mãos em estranhas feridas,  
 A rogar-lhe uns minutos de pousada,  
 Através de expressões enternecidas,  
 Alegando sofrer tribulações  
 De comprida jornada.  
 Mas o devoto respondeu:  
 — Amigo, segue adiante,  
 O seu caso é comum,  
 Espero por alguém muito importante  
 Não tenho tempo algum.  
 O mendigo saiu, cambaleante,  
 Depois de agradecer.

Em seguida apareceu  
 Triste rapaz errante,  
 Demonstrando, no todo, traço a traço,  
 Febre, penúria e dor, indigência e cansaço,  
 Suplicando socorro ao devoto feliz...  
 Ele, porém, lhe diz:  
 — Põe-te à frente, rapaz, não tenho neste mundo,  
 A obrigação de abrir a porta de meu lar  
 A qualquer vagabundo...

Logo após, um menino pobre e triste  
 Surgiu descalço e só,  
 Corpo todo a encobrir-se sob o pó  
 Das veredas difíceis que trilhara...  
 Pedia pão e abrigo,  
 Mas falou o devoto em voz segura e clara:  
 — Hoje, espero um amigo,  
 Não posso recolhê-lo,  
 Peça pão ao vizinho  
 E segue o teu caminho...  
 Aliás, para mim, é simples desmazelo  
 Dos lares sem amor  
 Que deixam a criança, um garoto qualquer,  
 Pedir, pedir, pedir e andar como quiser  
 Para depois fazer-se malfeitor...

Mais tarde, ao fim do dia,  
 Um velhinho doente, arrimado a um bordão,  
 Respeitoso, rogava compaixão,  
 Receava dormir exposto à noite fria  
 E sair, ao relento,  
 Aumentando a fadiga e o sofrimento.  
 O devoto, no entanto, informou da janela:  
 — Não posso dar-te asilo,  
 Não bata à minha porta nem te escores nela...  
 guardo alguém; contudo, segue em frente,  
 Neste mesmo lugar encontrarás mais gente  
 Que possa agasalhá-lo.  
 Desculpa-me a recusa,  
 É um amigo importante esse alguém de quem falo...  
 Espero que terás leito e pousada  
 Na primeira pensão, à direita da estrada.

O dia terminou, e a noite veio escura,  
 O devoto chorou, tomado de amargura,  
 Mas dormiu e sonhou que reencontrava o Cristo.  
 Assombrado, gritou: — Por que, por que, Senhor,  
 Não me queres a fé, nem me aceitas o amor?  
 Preparei minha casa com cuidado  
 A fim de demonstrar-te todo o meu carinho,  
 E não quiseste vir ao meu recanto...

— Como não? — disse o Mestre em doce  
 explicação.  
 — Hoje, por quatro vezes fui  
 A tua casa, em vão.  
 Por muito que te achasse, eu me via sozinho...  
 Finda uma pausa, o Mestre esclareceu:  
 — Recorda, amigo meu,  
 O mendigo, o rapaz, o menino e o velhinho...  
 Sei que teu coração não percebeu,  
 Mas nos quatro viajores do caminho  
 Estava eu  
 A estender-te clarão renovador  
 E te buscar em meu imenso amor.

Nisso, o devoto em pranto  
 Voltou ao corpo e veio a despertar...  
 E, lembrando o ensino, trêmulo de espanto,  
 Começou a pensar...

Maria Dolores